

MOISÉS GOMES DA SILVA

**Turismo de Eventos: Introdução aos Estudos da Epistemologia
e História Aplicadas ao Turismo**

Campo Grande/MS
2021

Dedicatória

Eu quero dedicar este livro à minha Esposa Paola e minha filha Manuella, que são os motivos *a fortiori* de todos os meus esforços intelectuais e materiais para tentar mudar “*to change*” a minha vida para melhor economicamente, e conseqüentemente, mudar a vida delas também...

Agradecimentos

Primeiramente devo agradecer a Deus por me conceder a dádiva da vida e do intelecto, como de igual modo, por ter me concedido “braços” e “pernas” saudáveis e o “campo” da vida de maneira geral para eu poder “arar”.

Agradeço à minha família (principalmente a minha mulher), pelo apoio ao longo de toda a minha vida intelectual, que sempre estiveram me apoiando e me incentivando a não desistir nos momentos mais difíceis aos quais pensei em parar com as atividades intelectuais.

Quero agradecer a todo o quadro de professores do Curso de Turismo da UEMS de Campo Grande/MS (e a própria Universidade em si), por me proporcionarem os seus ricos conhecimentos e me instruírem ao longo desses anos de estudos na Academia.

Não posso de deixar de agradecer também, ao professor Alexandre Panosso Netto, uma das maiores referências da atualidade em Filosofia e Epistemologia aplicadas ao turismo, por me ajudar com referências na parte epistemológica deste livro.

Quero agradecer também ao professor Jafar Jafari, uma das maiores autoridades em turismo mundial, por me responder desde o início de minha graduação no Curso de Turismo aos e-mails e mensagens no *Whats App* e também por me explicar a intricada questão da coexistência do turismo como sendo (Indústria e Fenômeno), que me ajudou a entender melhor a atividade turística.

A todos que não mencionei, mas que também me ajudaram nessa caminhada intelectual infindável da vida agradeço imensamente...

Epígrafe

A curiosidade, ou amor pelo conhecimento das causas, afasta o homem da contemplação do efeito para a busca da causa, e depois também da causa dessa causa, até que forçosamente deve chegar a esta idéia (sic): que há uma causa da qual não há causa anterior, porque é eterna; que é aquilo a que os homens chamam Deus. De modo que é impossível proceder a qualquer investigação profunda das causas naturais, sem com isso inclinarmos para acreditar que existe um Deus eterno, embora não possamos ter em nosso espírito uma idéia (sic), dele que corresponda a sua natureza.

(Leviatã, Thomas Hobbes 1588-1679).

SUMÁRIO

Introdução	08
1 Capítulo I - Referencial Teórico	12
1.1 O que é uma ciência?.....	13
1.2 O que é turismo de eventos?.....	34
2 Capítulo II – Metodologia	39
2.1 Métodos de pesquisa	39
2.2 Técnica de análise de Dados	44
3 Capítulo III - Epistemologia Aplicada ao Turismo.....	45
3.1 Significados e conceitos filológicos e históricos da palavra epistemologia.....	46
3.2 Alguns autores (as) do turismo nacional e internacional, que pesquisam(ram), a Epistemologia aplicada ao turismo	51
3.2.1 Lhomann e Panosso Netto	51
3.2.1.1 <i>Guilherme Lhomann</i>	51
3.2.1.2 <i>Panosso Netto</i>	52
3.2.1.2.1 Teoria do Turismo Conceitos, Modelos e Sistemas	53
3.2.1.3 <i>Mirian Rejowski</i>	56
3.2.1.4 <i>Marutscka Moesch</i>	57
3.2.1.5 <i>Mário Carlos Beni</i>	58
3.2.1.6 <i>John Tribe</i>	60
4 Capítulo IV – História aplicada ao Turismo	62
4.1 História: uma disciplina de suma importância para o desenvolvimento da Ciência e do turismo	62
4.1.1 <i>Surgimento do Universo a partir do Big-Bang ou do Resalto</i>	67
4.1.2 <i>Surgimento do Universo a partir da criação de Deus</i>	68
4.1.2.1 <i>Os passeios do Querubim Ungido no Jardim de Deus</i>	71
4.1.2.1.1 Turismo, fundamentos e primórdios	72
Conclusões	77
Referências	79
Documentos complementares para a construção da metodologia	102

Introdução

A Ciência de modo geral hodiernamente, abarca *em-si*¹ uma gama de variadas ramificações, áreas de estudo e/ou diversos tipos de ciências (e.g. ciências humanas, ciências naturais, ciências exatas entre outras).

Todavia, uma das ciências aparentemente mais complexa de se estudar e concomitantemente instigante, dada a estrutura do conjunto de suas leis inter-relacionadas de sua teoria que forma o seu corpo teórico, assim como em qualquer outra ciência Centeno (2003), sua beleza estética natural enquanto que uma área do conhecimento humano, metodologias de aplicabilidade e, todavia, sua intrínseca e intrincada correlação com o turismo no que tange ao seu “nascimento” é a Arquitetura (principalmente no período da Renascença e do Barroco).

Vitruvio (80/15 a.C.), é considerado um dos mais importantes arquitetos da História dessa ciência que contribuiu com seus estudos para o desenvolvimento da mesma e segundo ele escreveu no Livro I dos 10 livros de sua Arquitetura, ele diz que a “A arquitetura é uma ciência que se originou de muitas outras ciências, e se adornou com tantos e diversos conhecimentos [...]” (POLLIO, 1826, p. 48, tradução nossa²).

No turismo houve/há, muitos estudiosos, professores, pesquisadores, cientistas de envergadura intelectual que contribuíram/contribuem com os seus conhecimentos científicos e pesquisas para o desenvolvimento do fenômeno, desde que esse novo campo de estudo surgiu, tais como: (Beni, 2019; Fúster, 1973; Jafari, 2005; Tribe, 2019; Medlik, 2003; Hunziker, 1966; Krapf, 2000; Lau e Li, 2019; Padma e Ahn, 2019; Shtudiner, et al., 2018; Cvijanović and Stefanović, 2018; Paolo & Bouchon, Frederic, 2019), entre outros.

¹ Todas as vezes que for utilizada a expressão “*em-si*” neste trabalho, ela deve ser entendida apenas como mero recurso estilístico estético de linguística e não todavia num sentido da filosofia de Kant onde segundo ele é impossível se conhecer um objeto *em-si* mesmo, ou seja, *grosso modo* conhecemos através da sensibilidade e da percepção apenas os fenômenos envoltos nos objetos. Cf. Kant, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Balduur Moonsburger. 2. ed. São Paulo – SP. Editora Nova Cultura Ltda, 2000.

² Dicionários utilizados ao longo do trabalho, para fazer as traduções direta do inglês para o português:

RAMOS, Albertino Fernandes Alves. **Moderno Dicionário da Língua Inglesa 1**: inglês-português. Rio de Janeiro. 1983.

_____. **Moderno Dicionário da Língua Inglesa 2**: inglês-português. Rio de Janeiro. 1983.

_____. **Moderno Dicionário da Língua Inglesa 3**: inglês-português. Rio de Janeiro. 1983.

_____. **Moderno Dicionário da Língua Inglesa 4**: inglês-português. Rio de Janeiro. 1983.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário escolar português-inglês-português**. Blumenau – SC. Todolivro Editora, 2007.

Dicionário de inglês on line Bab.bla. Disponível em:< <https://pt.bab.la/dicionario/>> Acesso em: 13 jan. 2020.

Dicionário de inglês on line Google Tradutor: Disponível em:< <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

Almeida, Alberto Pândia de. **Moderno Dicionário Técnico**: inglês/português e português/inglês. Rio de Janeiro. Edições Ramos Ltda, [s/d].

O Objetivo geral deste livro é fazer um estudo introdutório aos estudos do turismo em seus segmentos de Eventos, Epistemologia e História.

Já como Objetivos Específicos pretendemos:

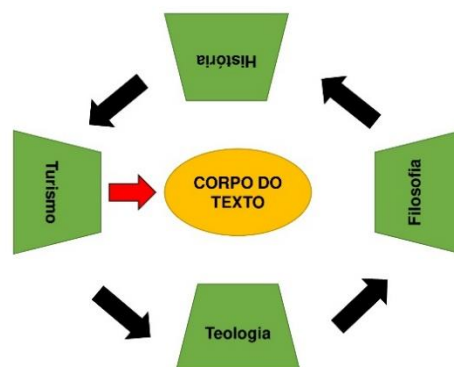
a) Apresentar alguns dos principais autores e suas teorias na área da Epistemologia, História e Eventos aplicadas ao turismo;

b) Fazer o diálogo conceitual interdisciplinar entre essas Disciplinas, a Ciência e o Turismo;

c) Contribuir com futuras pesquisas nessas áreas abordadas neste livro.

Obviamente, para chegarmos aos resultados almejados das problemáticas às quais nos propomos a investigar, o uso extensivo de metodologias diversas fez-se necessário para atingir tais objetivos propostos, como por exemplo: utilizamos os métodos teológico, bibliográfico, histórico, documental, fenomenológico, dialético, misto, que não obstante ficarão melhor explanados e desenvolvidos no Capítulo específico sobre a Metodologia da Pesquisa. Contudo, para ficar graficamente melhor resumido o Norte Teórico e Metodológico com os quais este livro foi desenvolvido, segue abaixo na Figura – 1 o esquema gráfico organizacional com as principais ciências que nortearam a pesquisa:

Figura – 1. Esquema gráfico com as principais ciências que nortearam o livro.



Fonte: próprio autor, 2021.

Outrossim, a elaboração deste livro justifica-se, dado a visível escassez de trabalhos que se propõem a pesquisar na mesma linha norteadora de investigação que a nossa, onde julgamos de bom alvitre por isto, empreendermos esta pesquisa nesta linha epistemológica. Cabe dizer que como já é notório a nível nacional são poucos os autores que têm se preocupado em estudar a Filosofia, Teoria Geral ou mesmo a Epistemologia aplicadas ao turismo e sendo assim, faz-se necessário não somente este livro, como de igual modo, Artigos, Dissertações, Teses, Monografias que abordem esses assuntos para que se possa buscar caminhos viáveis para uma possível cientificidade do fenômeno.

O corpo do presente livro tem sua estrutura elencada da seguinte maneira:

Primeiramente temos o Sumário, com todos os tópicos elencados e suas respectivas paginações.

Logo após vem a Introdução, ao que de maneira bem sucinta fazemos alguns contrapontos entre a Arquitetura e o turismo enquanto que dois campos dos saberes provenientes de várias ciências, onde também citamos alguns dos principais teóricos do turismo como referenciais teóricos que contribuem(iram), para os estudos científicos no turismo.

No Capítulo I trazemos o Referencial Teórico através de uma espécie de imersão na História do surgimento da Ciência a partir dos principais nomes da Filosofia, Teologia, Economia, Sociologia entre outras ciências e ainda neste mesmo Capítulo fazemos a *linkagem* entre a Ciência de maneira geral, o turismo e o Turismo de Eventos. Cabe destacar que neste Capítulo abordamos de maneira teorica a nossa defesa do turismo como sendo um fenômeno em oposição aos conceitos de Turismo Industrial ou mesmo o turismo como sendo uma ciência formal.

O Capítulo II é sobre a Metodologia da Pesquisa, onde é abordado os principais autores que nós tomamos com embasamento metodológico para desenvolver a pesquisa deste livro.

O Capítulo III é sobre a Epistemologia Aplicada ao Turismo. Neste Capítulo fazemos as devidas conceituações universais sobre o que é Epistemologia a partir de referencial teórico pertinente ao assunto, trazendo também a origem etimológica da palavra “epistemologia”, concluído o Capítulo com a apresentação de alguns dos (as), principais autores (as), no turismo referenciais em Epistemologia.

O Capítulo IV é sobre a História Aplicada ao Turismo, onde iremos fazer um recorte histórico das conceituações do que é o turismo, origens do turismo apresentando no corpo deste Capítulo, uma parte inédita ao trazermos uma conceituação particular sobre o turismo e também fazermos uma interpretação teológica alegórica de (Ez 28), para a partir daí correlacionarmos os passeios do Querubim ungido de Deus no Jardim de Deus, como possíveis atividades turísticas similares às do século XXI.

Temos a seguir as Conclusões, onde fazemos uma breve reflexão do assunto abordado e mostrando a necessidade dos Docentes – enquanto que vetores fundamentais dos ensinamentos do turismo aos Discentes – pesquisar mais nessas linhas de pesquisa epistemológica, histórica, filosófica e teológica.

Após as Conclusões temos as Referências bibliográficas que foram utilizadas ao longo do livro e por último os Documentos complementares de para a construção da metodologia utilizada neste livro.

1 Capítulo I - Referencial Teórico

O objetivo deste Capítulo é fazer uma discussão dialética sobre/e/juntamente com alguns dos pensadores que transformaram o mundo Trombley (2014) e suas teorias; exatamente sobre a temática central de embasamento teórico que norteia a parte inicial de nosso trabalho, ou seja, Ciência x turismo. Para tanto, faremos uma breve contextualização sobre os fundamentos primordiais plasmados na História da humanidade, do que hodiernamente conhecemos como sendo a Ciência de modo geral, tendo como auxílio para a pesquisa a etimologia da palavra “Ciência”, ao sabor do embasamento, sobretudo, teológico/filosófico tomando por base algumas das múltiplas e transversais formas de conhecimentos principais, que já foram elaboradas pelos mais ilustres filósofos, teólogos e pensadores desde os tempos mais remotos que se têm memória.

Haja vista ser de nosso conhecimento que o assunto Ciência de maneira geral, abarca uma malha variadíssima de ciências, como já foi mencionado no início da Introdução, desde por exemplo: ciência da sexualidade³ até estudos científicos mais recentes na área da Computação Quântica⁴.

Trataremos de discutir ulteriormente, como essa grei de pensadores e eruditos de antanho, definiam as questões sobre o Conhecimento real(m)ente⁵ *em-si*, ou seja, a Sapiência, o Saber etc. Neste ínterim de discussões dialéticas, tencionamos contextualizar e trazer à baila, o conjunto de conhecimentos principais do turismo atualmente, visto que o conhecimento do turismo (não é nenhum Leviatã⁶ como muitos que não o conhece podem, porventura, achar que ele seja, tampouco um Cila⁷),

³ Michel Foucault ao empreender alguns estudos específicos na área da sexualidade, acaba tratando deste assunto como uma ciência ao ponto de utilizar as palavras *scientia sexualis* (Cf. Foucault, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988).

⁴ Para pesquisar mais sobre a temática de Computação Quântica, há vários Artigos que discorrem sobre o assunto na Revista Science Advances (Cf. Heyl et al., Sci. Adv. 2019;5: eaau8342 12 April 2019. Cf. Patel et al., Sci. Adv. 2019;5: eaau6668 25 January 2019. Cf Li et al., Sci. Adv. 2018; 4 : eaar3960 6 July 2018).

⁵ Cf. Significado do termo *in*: Heidegger, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo – SP. Nova Cultura Ltda, 1999.

⁶ “Leviatã” dentro da Mitologia Judaica era um horrível monstro que o Livro de Jó *in*: Bíblia Sagrada o descrevia da seguinte maneira: “Poderias pescar o monstro marinho, com linha e anzol? Ou farias dele um animalzinho domesticado, como um passarinho que se cria numa gaiola, que darias às tuas filhinhas para brincar? Os teus companheiros de pesca vendê-lo-iam aos comerciantes na lota? A sua pele, poderia ela ser furada por ganchos, ou a cabeça presa por arpões? Se lhe pusesses as mãos em cima, durante muito tempo haverias de te lembrar da luta nunca mais o farias outra vez! Não! É absolutamente inútil tentar capturá-lo! Até só o pensar nisso aterroriza! Não há ninguém tão ousado, que se atreva a provocá-lo e muito menos a conquistá-lo; quem jamais lhe abriu o focinho, guardado como está de dentes terríveis? Da sua boca saem chamas, saltam dela fagulhas de fogo que estalam. O fumo brota das suas narinas.” (Jó 41).

⁷ “Cila” dentro da Mitologia grega era um terrível monstro com “doze pés, todos disformes, seis pescoços de descomunal grandeza onde cada uma dos quais termina por uma cabeça medonha, cada uma das quais com uma goela de três séries de dentes, juntos imbricados, cheios das trevas da morte” (Cf. Homero. **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo - SP. Nova Cultura Ltda, 2002. Texto de Thomas W. Allen (Oxford, 1907).

todavia, fazendo um alanhamento “geográfico” dialético entre os tipos de conhecimentos e o conhecimento do turismo, para conseqüentemente em Capítulo específico podermos abordar nossa pesquisa de maneira a entender o campo atuacional e/ou forma do *modus operandis* do turismo, pela perspectiva de alguns dos (as), principais autores (as).

Outrossim, nossa intensão de trazer à luz o conhecimento sobre turismo e algumas de suas tecnologias, é, todavia, para que não venhamos cair em aporias por falta de delimitação geográfica e conhecimento, principalmente da nossa própria área de estudo, sem elidir é claro pontos fulcrais do turismo que são *conditio sine qua non* para sua compreensão (para que como sói pessoas que ainda não conhecem o turismo bem, não continue por exemplo chamando um profissional na área de “guia turístico” ao invés de “guia de turismo”, ou mesmo erroneamente afirmar que “quem estuda turismo só viaja”), no intuito também, de desenvolvermos nossa pesquisa com maior eficácia e fundamentação teórica científica, para o bom entendimento da atividade turística, não só por parte dos profissionais na área do turismo que possam porventura, ter algum tipo de interesse no nosso trabalho, mas também os respectivos leitores comuns, à guisa o mais evidente e esclarecido possível, o quanto é certo que os “[...] ângulos opostos produzidos pela intersecção de duas linhas retas são iguais” (LEIBNIZ, 1999, p. 76).

1.1 O que é uma ciência?

Antes de começarmos a esmiuçar alguns dos vários conceitos universais sobre o que é Ciência, iremos mostrar alguns dados sobre a questão do ensino em escolas dos Estados Unidos da América, que juntamente com outras nações como a China e o Japão são considerados hoje, os países mais desenvolvidos no que diz respeito a economia e tecnologia.

Foi feita uma pesquisa e publicada no Jornal (Latimes.com),⁸ em 2019 sobre a opinião do uso de tecnologias computacionais ao invés de álgebra 2 nas escolas de ensino médio dos Estados Unidos, pesquisa esta realizada com um grupo de ouvintes de *podcast* “*Freakonomics*” bastante *nerd* composto por 900 pessoas. Nesta pesquisa

⁸ Opinion: Modern high school math should be about data Science – not Algebra 2. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/story/2019-10-23/math-high-school-algebra-data-statistics>>. Acesso em: 16 nov. 2019 às 17h40.

foi-se descoberto que menos de 12% usava álgebra, trigonometria ou cálculo em suas vidas diárias. Apenas 2% usavam integrais ou derivadas, os elementos básicos do cálculo. Em contrapartida, 66% impressionantes trabalham com *software* analítico básico como o Microsoft Excel diariamente (tradução nossa). É notório ao observar toda a matéria na integra a importância que os norte-americanos dispõem sobre a formação profissional/científica dos seus alunos de ensino médio.

Em uma outra matéria ainda no ano de 2019, noutro Jornal dos Estados Unidos, o (Time.com),⁹ foi-se feita uma pesquisa pelo Bureau of Labor Statistics e foi descoberto que o setor de tecnologia deve crescer mais rapidamente do que todos os setores.

Nesta pesquisa o foco das investigações é saber se de fato os filhos dos norte-americanos estão sendo capacitados nas escolas primárias para lidar com um mundo tecnológico, pois eles acreditam que a tecnologia é o futuro. Porém, de acordo com a pesquisa do National Center for Education Statistics fica evidente que o trabalho das autoridades “competentes” dos Estados Unidos em preparar esses alunos para o mundo tecnológico não tem tido um bom êxito, pois segundo a pesquisa, a ciência da computação é o único dos campos STEM (ciência, tecnologia engenharia e matemática), que realmente diminuiu a participação dos estudantes nos últimos 20 anos, de 25% dos estudantes do ensino médio para apenas 19% (tradução nossa).

Bem, quando falamos sobre a Ciência universal, precisamos evidentemente debruçarmos, sobretudo, em um dos principais filósofos da História universal, o filósofo estagirita Aristóteles (384/22 a.C.), que ao nos brindar com seu livro *Metafísica* – obra clássica da *Metafísica* –, na tradução digitalizada de Giovanni Reale, que por conseguinte possui o texto original em grego de suma importância para consultas diretamente na fonte primária, disse que “[...] todas as ciências são mais importantes do que a ciência de Deus” a “Sapiência” (*ἐπιστήμων epistémon*, transliteração nossa), “[...] mas nenhuma lhe é superior” (ARISTÓTELES, 2002, p.13).

Fazendo um paralelo e/ou adendo com a afirmação taxativa de Aristóteles considerado o “pai da Ciência” por muitos filósofos,¹⁰ um de seus maiores críticos e de igual modo um dos maiores filósofos da Renascença segundo Delumeau (2011), o

⁹ Can we fix Computer Science Education in America? Disponível em: < <http://techland.time.com/2012/07/16/can-we-fix-computer-science-education-in-america/>>. Acesso em: 16 nov. 2019 às 18h03.

¹⁰ Cf. Aristóteles – Pai de Todas as Ciências. *Revista Científica American Brasil Coleções: gênios da ciência*. Número 10. Universidade de São Paulo – Unidade Federal de São Paulo Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP. 2006 – 2015.

filósofo e teólogo Calabrês Tommaso Campanella (1568-1639), ao escrever uma de suas principais obras, *A cidade do Sol*, disse que “A Sapiência compete a direção das artes liberais, mecânicas, e de todas as ciências, bem como a dos respectivos magistrados, dos doutores e das escolas de instrução” (CAMPANELLA, 1602, p. 13).

Logo a partir da visão desses dois autores supracitados, vemos a fundamental importância que a Ciência divina, como propõe Aristóteles, tem representado para todas as outras ciências de maneira geral e também em uma visão teológica e teleológica a partir de Tommaso Campanella, vemos como é de ímpar importância a própria Sapiência ao conduzir as outras ciências.

Santo Tomás de Aquino (1225-1274), uma das maiores autoridades em Teologia de todos os tempos e considerado um peripatético¹¹ da era medieval, ao fazer a revisão da obra de Aristóteles *Sobre a Alma* – obra esta muito rica – em seu conteúdo filosófico/histórico sobre o debate do que vem a ser a alma, suas partes, seus movimentos etc. Aristóteles (2010), diz o seguinte sobre o que é Ciência:

[...] isto é, do modo como a ciência é um ato e assim como o que sabe é dito estar em ato, na medida em que tem a habilitação; de onde dizer abaixo: “mas isso ocorre imediatamente disto que pode operar por si mesmo. Porém, está também então de algum modo em potência, mas não de maneira semelhante àquela de antes de aprender ou de encontrar” [Sobre a alma III,4, 429b5 – 9] (TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 62).

Santo Agostinho (354-430), outro ilustre escolástico¹² assim como Tomás e Campanella, ao falar sobre o que é ser um “filósofo”, ou seja, *grosso modo* um Homem que tem por mister trazer à luz, respostas ou pelo menos indagações sobre as mais complexas questões dentro da Ciência, Filosofia e demais áreas do conhecimento humano Aranha e Martins (1993), diz que “O nome ‘filósofo’, traduzido ao português, significaria ‘amor a sabedoria’. Pois bem, se a sabedoria é Deus, por quem foram feitas todas as coisas, como demonstram a autoridade divina e a verdade, o verdadeiro filósofo é aquele que ama Deus” (AGOSTINHO, 2009, p. 301; idem, 1996, p. 703).

¹¹ O termo “peripatético” serve para designar *grosso modo*, alguém que foi um exímio discípulo e seguidor dos ensinamentos de Aristóteles e profundo conhecedor de sua obra.

¹² Indivíduo, ou filósofo, que segue a doutrina escolástica, pensamento cristão que durante a Idade Média, buscava associar a razão aristotélica e platônica com a fé, buscando experienciar o contato direto com a verdade (DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS).

O que mais nos surpreende ao fazermos essas primeiras análises textuais com esses homens de ciência é a fundamental e indissociável correlação que os mesmos fazem, entre Ciência e Deus, e isto é algo extremamente notável digno de nota.

René Descartes ou em latim como era conhecido seu nome *Renatus Cartesius* (1596-1650), além de fazer parte do trio dos “[...] maiores físicos Galileu, Newton, Descartes” Diderot (1979, p. 53), é também um dos filósofos mais comentado atualmente nos debates científicos/filosóficos/teológicos, dado a singularidade exclusiva como ele escrevera sua obra filosófica de maneira extraordinária em “uma revolução intelectual mais audaciosa e mais enèrgicamente (sic), conduzida que até então o mundo vira” Valéry (s/d, p. 05-06) e também é claro, a forma como ele concebera o seu método filosófico e empreendera as suas pesquisas na busca da verdade; de maneira que seu ponto de partida para iniciar suas averiguações era a tão famosa (dúvida cartesiana), ou *grosso modo*: pôr ao menos uma vez na vida tudo sob a dúvida;¹³ obviamente por ser um filósofo partidário da escola do Racionalismo¹⁴ como vários outros filósofos (e.g. Leibniz, Malebranche, Spinoza, Pascal entre outros).

Todavia, o que mais nos deixa perplexos e admirados ao ler Descartes além da forma metódica e diligente, com a qual ele analisava paulatinamente os fenômenos ao seu redor – partindo é claro que, da premissa fundamental de toda a sua filosofia, ou seja, *cogito, ergo sum* – é a única certeza que ele tinha ao analisar as coisas, onde ele mesmo diz em seu livro *Meditações Sobre Filosofia Primeira* Descartes (2004), que só pode ter certeza da existência de um Deus sumamente perfeito, sendo que na ignorância desse pressuposto ele mesmo jamais estaria certo de nenhuma outra coisa se quer. Ulteriormente vemos como Descartes tentou exaustivamente se abster a todo custo de não incorrer em erros na busca pela verdade (DESCARTES, 2004, p. 66):

E, seguramente, não pode haver nenhuma outra causa de erro senão a que expus. Pois, se toda vez que jogar, eu contiver minha vontade dentro dos

¹³ Cf. Descartes, René. **Regras para a direcção do espirito**. Versão digitalizada. Tradução: João Gama [s/d]. p. 06-64.

Cf. *Id. Discurso do método ; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. Introdução Giles-Gaston Granger ; prefácio e notas de Gérard Lerbrun ; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 2. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1979. p. 6-82.

¹⁴ A teoria filosófica do Racionalismo parte de princípios quase que céticos de que todo conhecimento, (i.e. de maneira geral e simplificada), parte da razão. De acordo com o Dicionário de Filosofia de (MORA, 1978, p. 236):

O vocábulo *_racionalismo* pode ser compreendido de três maneiras:

1. Como designação da teoria segundo a qual a razão, equiparada com o pensar ou a faculdade pensante, é superior à emoção e à vontade; temos então um *_racionalismo _psicológico*.
2. Como nome da doutrina para a qual o único órgão adequado ou completo do conhecimento é a razão, de modo que todo o conhecimento verdadeiro tem origem racional; fala-se em tal caso de *_racionalismo gnoseológico* ou *_epistemológico*.
3. Como expressão da teoria que afirma que a realidade é, em último termo, de carácter racional; este é o *_racionalismo _metafísico*.

limites do meu conhecimento, de modo que ela só se estenda às coisas que o intelecto mostre clara e distintamente, é de todo impossível que eu venha errar, por que toda percepção clara e distinta é sem dúvida algo real e positivo, não podendo, por conseguinte, provir do nada, devendo, ao contrário, ter Deus necessariamente como seu autor; Deus, digo, aquele que é sumamente perfeito e a quem repugna ser enganado.

Logo, é inegável que não somente os teólogos escolásticos, como também os filósofos devotavam uma certa atenção às questões referente a Ciência e Deus, de maneira que nem mesmo Descartes com todo seu racionalismo esquivou-se dessa temática.

Heidegger (1999, p. 51-52), um filósofo existencialista discípulo de Husserl que tinha por paradigma central de todo o seu pensamento a pergunta: o que é o homem ou quem é o homem?¹⁵ Ao falar sobre as ciências diz algo pertinente – ainda que contrário a opinião de Aristóteles (2002), mas pertinente – a nossa pesquisa, sobre como devemos entender as mesmas:

Contudo, em todas as ciências nós nos relacionamos, dóceis aos seus propósitos mais autênticos com o próprio ente. Justamente, sob o ponto de vista das ciências, nenhum domínio possui hegemonia sobre o outro, nem a natureza sobre a história, nem esta sobre aquela. Nenhum modo de tratamento dos objetos supera os outros.

Doutra sorte, como a Ciência abrange uma gama de outras áreas além da Filosofia, Teologia etc., temos um outro campo muito importante dentro da Ciência que é a Economia Política, que de acordo com Marx (2013, p. 544), ao escrever sua obra magna, ou seja, O Capital Livro I, ele diz que:

A economia política, que só surge como ciência própria no período da manufatura, considera a divisão social do trabalho do ponto de vista exclusivo da divisão manufatureira do trabalho, isto é, como meio de produzir mais mercadorias com a mesma quantidade de trabalho e, por conseguinte, baratear as mercadorias e acelerar a acumulação do capital.

Marx (2013, p. 876), ainda afirma que os meios “[...] para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação exploração do produtor, mutilam o trabalhador, fazendo dele um ser parcial, degradam-no a condição de um apêndice da máquina [...]” de maneira que todos esses processos “[...] alienam ao trabalhador

¹⁵ Cf. Entrevista exclusiva de Heidegger para um monge chamado Bhikku Maha Mani. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XcsBtl1SwuY>>. Acesso em: 28 out. 18h55.

as potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que tal processo se incorpora a ciência com potência autônoma [...]”.

Portanto, podemos observar a importância que Marx (2013), não somente no livro I como de igual modo, nos livros II e III de O Capital Marx (2014, 2017), confere as classes sociais e suas constantes lutas entre si; o teor correto e os equívocos das principais teorias econômicas sobre o capital de Ricardo, Smith, Ramsay, Quesnay, Storch, Barton, Proudhon entre outros, ao prescrever as condições da formulação de uma “ciência-política-social”, onde o fator chave de tal ciência é fazer a análise das contradições entre as classes sociais *em-si* e suas muitas lutas ao longo do tempo, e, também, de acordo com o filósofo árabe Khaldun (s/d), é necessário entender a natureza inerente dos fatos e dos eventos das civilizações para se proceder de maneira segura nos estudos científicos das sociedades em geral.

Entretanto, vamos observar que um dos pensadores da filosofia marxista mais influente do século XX, segundo Frederico (s/d), o filósofo húngaro Georg Lukács, que ao escrever História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista, vai dizer o seguinte sobre os fatores econômicos no marxismo:

Procura-se, é verdade, tornar compreensíveis todos os fenômenos ideológicos a partir de sua base econômica, mas a economia torna-se estreita quando se elimina dela a categoria marxista fundamental: o trabalho como mediador do metabolismo da sociedade com a natureza (LUKÁCS, 2003, p. 15).

Ou seja, muito embora Marx tantas vezes denunciando as explorações trabalhistas que o proletariado sofria por parte do capitalista, ainda assim, Lukács não escande neste íterim de discussão algo de suma importância, que talvez Marx poderia ter dado maior visibilidade em sua obra, ou seja, uma das questões fulcrais de suma para a compreensão do fenômeno ideológico das lutas de classe, que é o próprio trabalho *em-si* com mediador do metabolismo da sociedade com a natureza.

Segundo o mais expoente da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer e já coadunando em parte com a ideia central deste Capítulo, que é fazer uma junção dialética entre Ciência, Filosofia, Teologia e turismo, ele diz que “A ciência deve esperar pelo pensamento filosófico, como já foi formulado seja por filósofos seja por cientistas, para prestar contas da natureza da verdade, em vez de erguer a metodologia científica como a definição suprema da verdade” (HORKHEIMER, 2002,